

LUCINDE, HIPÉRION, EROS: CONFLUÊNCIAS DO ROMANTISMO ALEMÃO NO MOVIMENTO GAY

LUCINDE, HYPERION, EROS: CONFLUENCES OF GERMAN ROMANTICISM IN THE GAY MOVEMENT

Rafael Vieira Sens¹

Resumo: desde que o historiador e arqueólogo Johann Joachim Winckelmann resgatou a arte homoerótica grega no setecentos que a Alemanha tem desempenhado um papel crucial na formação da identidade gay. Este ensaio, todavia, busca dar destaque a um período literário posterior. Muitas vezes esquecido pelos estudos queer, o Romantismo alemão atuou na livre expressão de sexualidades diversas na contemporaneidade ocidental. A partir de obras como Lucinde (1799), de Friedrich Schlegel, Hipérion (1797), de Hölderlin, e Eros (1836), de Heinrich Hössli, a retórica da “emancipação da carne” serviu de base para a elaboração e a sistematização de uma luta pela liberdade não só dos gays, bem como de mulheres e judeus. A Grécia e o “amor grego” serviram de estopim para uma revolução literária dos costumes liderada por escritores que tinham como meta a criação de uma nova mitologia, colocando em diálogo Atenas com a moderna Berlim

Palavras-chave: Romantismo alemão; Literatura gay; direitos LGBT.

Abstract: Ever since historian and archaeologist Johann Joachim Winckelmann rescued Greek homoerotic art in the eighteenth century, Germany has played a crucial role in the formation of gay identity. This essay, however, seeks to highlight a later literary period. Often overlooked by queer studies, German Romanticism played a role in the free expression of diverse sexualities in contemporary Western times. Beginning with works such as Lucinde (1799) by Friedrich Schlegel, Hyperion (1797) by Hölderlin, and Eros (1836) by Heinrich Hössli, the rhetoric of the “emancipation of the flesh” served as the basis for the elaboration and systematization of a struggle for the freedom not only of gays, but also of women and Jews. Greece and “Greek love” served as the trigger for a literary revolution of customs led by writers who aimed to create a new mythology, placing Athens in dialogue with modern Berlin.

Keywords: German Romanticism; Gay literature; LGBT rights.

1 QUER, QUEER, OBLÍQUO, TRANSVERSAL

Ao que indica o dicionário Oxford, o vocábulo *queer* – hoje utilizado como termo guarda-chuva para englobar sexualidades dissidentes – teria sua origem na palavra alemã *quer* e, possivelmente, migrou para a língua inglesa no século XVI por influência dos escoceses. O primeiro registro mais famoso de seu uso provém de uma carta escrita em 1894 pelo Marquês de Queensberry, pai de Lorde Alfred Douglas, na qual descreve o sentimento de asco em relação ao envolvimento íntimo de seu filho com o escritor irlandês Oscar Wilde (1854-1900). Tal texto foi lido durante o julgamento do autor, que acabou recebendo uma pena de dois anos de reclusão. Em seu conteúdo, a mensagem epistolar

¹ Doutorando e mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Jornalismo e Letras - Alemão na mesma instituição. Tem experiência como jornalista e na área de ensino de Línguas Estrangeiras Modernas.

chama o réu e outros gays de *snob queers* (ou viados [*avant la lettre*] esnobes)². O adjetivo aderiu ao inglês como um xingamento, fazendo jus às acepções germânicas: oblíquo, transverso, cruzado, estranho. Com o passar do tempo, o palavrão foi resignificado e adotado pelas militâncias LGBT como um símbolo linguístico de resistência e enfrentamento ao conservadorismo de costumes.

Também surgido na Prússia/Alemanha do século XIX, outro conceito teve grande importância na construção da identidade gay. Naquele período, Berlim foi a capital de estudos relativos ao tema e, em 1868, o jornalista Karl-Maria Kertbeny cunhou o termo homossexual em panfleto ativista pró-gays que circulou pela cidade. Pouco tempo depois, o médico psiquiatra Richard von Krafft-Ebing já utilizava o novo lexema em seus textos científicos, incluindo sua obra *Psychopathia Sexualis* (1886).

Mesmo considerando a prática homossexual uma perversão, Krafft-Ebing trouxe à luz a identidade sexual em detrimento da prática da sodomia, pederastia e do vício. Foi o criador de termos advindos da literatura como sadismo (Sade), masoquismo (Sacher-Masoch) e ainda despertou a ira da Igreja ao relacionar o martírio dos santos ao prazer S&M. No entanto, ninguém teve tanta importância para a embrionária comunidade LGBTQIAPN+ berlinense do que o polonês de origem judaica Magnus Hirschfeld.

Nascido em 1868, o médico foi o idealizador do primeiro grupo de defesa dos direitos homossexuais de que se tem notícia, o Comitê Científico-Humanitário, de 1897. Desmantelada pelo nazismo, a associação tinha como objetivo, entre outras coisas, revogar o Parágrafo 175 do Código Penal alemão. A lei, instituída em 1871 – exatamente no ano da consolidação da Alemanha como país –, criminalizava a prática da dita sodomia e só foi totalmente extinta em 1994, cinco anos após a queda do Muro de Berlim.

Entre a Escócia do quinhentos e a Berlim do *fin de siècle*, entretanto, existiu um movimento literário que abriu as portas para a discussão e elaboração de novas identidades sexuais. O primeiro Romantismo alemão ou de Jena (*Jenaer Frühromantik*, c. 1797 até 1804) teve um papel silencioso e ao mesmo tempo ruidoso no que se refere a uma revolução (homo)sexual. Algumas de suas obras, discutidas neste ensaio, foram até o limite da moral vigente nos ultraconservadores principados, ducados, condados e reinos que formavam o que atualmente chamamos de Alemanha. Importante cidade universitária do ducado de Saxe-Weimar, Jena foi o epicentro dessa turbulência intelectual, que revolucionou não só

² A carta foi escrita após o suicídio de filho mais velho do Marquês de Queensberry, Lorde Drumlanrig, em outubro de 1894. Apesar de a imprensa da época encobrir a causa da morte, afirmando ter se tratado de um acidente de caça, o irmão de Lorde Alfred Douglas teria tirado a própria vida com o intuito de preservar a integridade moral de seu amante, Lorde Roseberry, ministro de negócios estrangeiros e depois premiê britânico.

O processo judicial, que teve início com uma ação de Wilde contra Queensberry por difamação, acabou tendo uma reviravolta e quem acabou condenado por “atentado ao pudor” foi o escritor (Naphy, 2006, p.216). Um trecho da carta dizia: “agora que a primeira onda desta catástrofe e tristeza passou, escrevo para dizer que é um julgamento sobre todos vocês. Os viados (queers) esnobes como Roseberry, todos vocês. Coloquem meu filho contra mim de fato e causem problemas entre nós, que o diabo caia sobre suas cabeças por ele ter ido descansar e a briga entre ele e eu não ter sido resolvida. Eu sinto o cheiro de uma tragédia por trás de tudo isso”.

as artes, a crítica e a filosofia, como também os relacionamentos afetivos e sexuais entre os diversos gêneros.

Impossível cogitar a respeito dos primeiros românticos e a sexualidade sem digressão brevemente acerca da influência da Grécia em seu pensamento. Antes de advocarem pela “emancipação da carne” (Tobin, 2005, p. 2) e autonomia dos párias, mergulharam fundo nas águas do Egeu em busca de respostas – e muito mais perguntas por vezes – visando tirar a sociedade alemã da apatia e do complexo de derrota ao se comparar aos países mediterrâneos. Além dos gregos, vale salientar, também incensaram autores sul-europeus como Cervantes, Dante, Petrarca, Boccaccio e Camões.

Destronando os juízes do gosto e inventando a crítica literária, os irmãos Friedrich e August Schlegel – juntamente com Novalis – utilizaram recursos estilísticos para dar vazão ao seu pensamento renovador. Dos fragmentos ao chiste (*Witz*), adaptaram o conceito goethiano de formação (*Bildung*) para edificar uma literatura autofágica, que se alimenta dela própria para criticar e fundar um projeto quase inatingível, como os deuses do Olimpo. Ao organizar um sistema sem ser sistemático, o Romantismo precoce abre uma brecha para que a formação atinja as mulheres e os adeptos do “amor grego”. Diferentemente dos classicistas, eles não fazem mera cópia da Antiguidade, mas sim assimilam a cultura greco-romana transversalmente, de modo – digamos – quase *queer*.

Mesclando três obras que inauguraram um novo olhar às relações trans e interpessoais, o ensaio aborda alguns de seus trechos que lançaram combustível nas brasas da escrita, dando a ela o poder de criar mundos e transformá-los. Primeiro, *Lucinde*, de Friedrich Schlegel, que mexe com forma e conteúdo do romance tradicional ao combinar narrativa, diálogo e cartas para anunciar novas tendências eróticas. Em seguida, *Hipérion ou o eremita da Grécia*, de Hölderlin, *Bildungsroman* epistolar que explicita o homoerotismo em cenários helênicos. Por fim, *Eros*, obra não-ficcional do chapeleiro suíço Heinrich Hössli, considerado primeiro texto abertamente gay publicado em língua alemã.

2 CONTEXTO DA HOMOSSEXUALIDADE NOS SÉCULOS XVIII E XIX

Apresentar o contexto histórico-sociocultural da época do Romantismo requer uma breve retomada da *Aufklärung*, ou Iluminismo em terras germânicas. Foi neste período, por exemplo, que surgiu a peça *Emilia Galotti* (1772), de Lessing (1729-1781), considerada a primeira em língua alemã a dar protagonismo a uma personagem burguesa, 17 anos antes da Revolução Francesa colocar em xeque todo o regime monárquico europeu. Em sua obra teórica *Dramaturgia de Hamburgo* (1769), Lessing critica o modo como os franceses Corneille e Voltaire adaptaram tragédias gregas ao passo que recomenda que dramaturgos alemães sigam o modelo de Shakespeare.

Mas é impossível passar ao largo de uma figura quando se traça um panorama das revoluções em meio ao absolutismo vigente nos principados da Alemanha: Johann Joachim Winckelmann (1717-1768). Com sua *História da arte na antiguidade* (1764), ele não teve pudores em transformar o corpo masculino perfeito da estatuária grega em objeto de pesquisa e de desejo. Foi por meio de estudos do Torso de Belvedere e da escultura Laocoonte – ícones da musculatura e de sua representação ideal –, que o historiador e arqueólogo abriu a percepção da *intelligentsia* alemã para que redescobrisse a Grécia, seus deuses, seus artistas e seus gays.

Isso tudo numa era na qual o contato sexual entre homens era considerado crime “que não deve ser nomeado entre cristãos” (Naphy, 2006, p. 211). Só na Inglaterra, 80 acusados de sodomia foram enforcados entre 1800 e 1834. Após 1828, a lei britânica apertou o cerco aos gays e passou a exigir como prova apenas o ato da penetração, revogando a legislação anterior que necessitava comprovar a ejaculação.

Devido aos ideais napoleônicos, algumas regiões da Alemanha conquistadas pelos franceses haviam abolido tais castigos aplicados aos chamados sodomitas e só voltariam a vigorar após a unificação da Alemanha em 1871 – por meio do infame Parágrafo 175 – liderada pela Prússia de Otto von Bismarck (1815-1898). A influência da França no imaginário da pluralidade sexual, aliás, teve na rainha guilhotinada Maria Antonieta um de seus emblemas. Boatos sobre seus casos com a princesa de Lamballe e a condessa de Polignac alastraram-se pelo continente europeu em 1770 (Zanotti, 2010, p. 198). O que foi concebido como propaganda antimonarquista, acabou transformando a nobre austríaca em símbolo do erotismo lésbico.

Contemporâneos alemães dos primeiros românticos viviam em monarquias pré-unificação pautadas pela moral cristã. No *think tank* de Jena, os irmãos Schlegel e Novalis tentavam mesclar mitologias cristãs e pagãs em seus fragmentos, teses e ficções e emularam-se em difundir a “emancipação da carne” por meio da Literatura. Apesar de suas penas passarem apenas tangencialmente pelo tema da homossexualidade, Hölderlin cita e elogia a poeta grega Safo e Schlegel defende a ideia de que Madonna (Nossa Senhora) deveria ter o mesmo direito de ser um ideal originário, eterno e necessário de uma “razão masculina e feminina”.

Forte indício de que o sentimento gay aflorava no período romântico alemão pode ser visto numa carta que o escritor Heinrich von Kleist (1777-1811) enviou ao general prussiano Ernst von Pfuël (1779-1866) em 1805. Nela, o narrador da mensagem afirma que o militar exerce “uma estranha força” sobre seu coração e que o ama acima de tudo (Kleist, 2021, p.30). O homoerotismo torna-se ainda mais palpável quando o texto traz de volta a recordação de quando ambos se lançaram “nos braços um do outro em Dresden” e o militar lhe teria restaurado “a idade dos gregos” (Kleist, 2021, p. 30).

Imbuído pelo espírito da Grécia antiga, o narrador sugere que o belo corpo de seu amigo poderia servir de estudo para um artista, uma vez que seu torso musculoso exalaria tanta força, como se tivesse sido formado “à imagem do mais belo touro jovem que já sangrou para Zeus” (Kleist, 2021, p. 30). Por fim, rende-se ao amor burguês sugerindo que o interlocutor seja sua “esposa”. Mais uma tentativa de atualizar os mitos mediterrâneos na Europa Central.

3 LUCINDE

A “emancipação da carne” gay e *queer* vem em segundo plano no romance *Lucinde* (1799), de Friedrich Schlegel (1772-1829). O que mais salta aos olhos – e causou furor entre a intelectualidade da época – é a liberdade feminina propagada pela personagem-título. Entretanto, um homoerotismo masculino sutil pode ser percebido na obra, que contempla múltiplos gêneros literários: prosa, carta e diálogo. Tamanha ousadia estilística à época não foi menos criticada que seu discurso libertário.

Espécie de *Bildungsroman* subversivo, *Lucinde* mostra a formação como a desconstrução de crenças, convenções e tradições impostas pela sociedade (Tobin, 2005, p.2). Neste processo, o indivíduo reorganizaria as estruturas sociais na tentativa de criar um mundo melhor para ele próprio e os demais cidadãos. No caso específico do romance, a protagonista ultrapassa os limites de gênero previstos à mulher no final do século XVIII, dando assim oportunidades a seu companheiro Julius de também libertar-se das amarras às quais o homem estava fadado. Já é um grande avanço lançar-se a questão: “Será que estou errado quando procuro (...) a delicadeza e a ternura nos pensamentos e nas palavras, sobretudo, no sexo feminino?” (Schlegel, 2019, p. 31).

Apresentado com uma beleza não muito máscula, o personagem principal constrói amizades apaixonadas com outros homens após a morte de sua namorada prostituta e “entregava seu coração a eles” (Schlegel, 2019, p. 75). Julius é comparado pelo narrador ao jovem Ganimedes, mortal que atordoou Zeus com sua beleza e foi levado ao Olimpo para ser copeiro dos deuses. Em outro trecho, Lucinde pede a seu amante que jogue fora os jacintos, flores relacionadas ao “amor grego” (Tobin, 2005, p. 4) cujo nome é uma referência ao personagem da mitologia Jacinto, objeto de desejo de duas divindades da Grécia: Apolo e Zéfiro.

Mesmo não explicitando as relações sexuais entre homens, o Romantismo forneceu, indubitavelmente, material para movimentos gays que, em seguida, atrairiam outros dissidentes sexuais entre os séculos XX e XXI, tais como lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e não-binários. Essa revolução literária deu-se tanto pelo resgate do mundo grego como também pelas próprias narrativas e críticas inovadoras dos primeiros românticos e seus discípulos do século XIX. *Lucinde* lega,

inclusive, um parágrafo que orna com os estudos *queer* da contemporaneidade: “Mas o que é mesmo o determinante e o determinado? Na masculinidade é o inominado. E o que é o inominado na feminilidade? – O indeterminado” (Schlegel, 2019, p. 116).

4 HIPÉRION

Aficionado pela antiguidade grega e habituê da Universidade de Jena, Friedrich Hölderlin (1770-1843) teve mais contato com o Idealismo alemão e o Sturm und Drang do que propriamente com os irmãos Schlegel e Novalis. Ele partiu da cidade berço do Romantismo pouco antes de o movimento ganhar certa projeção com a publicação da revista “Athanaeum” (1798-1800), mas isso não impediu que deixasse um legado em prosa e verso associado ao estilo que caracterizou o período. Importante será, por ora, tratar somente de seu romance de formação epistolar *Hipérion ou o eremita na Grécia*, de 1797, cuja temática do amor gay aparece sem subterfúgios.

Tendo como pano de fundo as lutas de libertação dos gregos do jugo turco, o *Bildungsroman* relaciona o personagem-título ao amigo Berlamino e à amada Diotima por meio de cartas enviadas pelo protagonista da Grécia para os estados alemães em meados do século XVIII. Hipérion reflete sobre o passado mítico de Atenas e o presente decepcionante de seu país. Em meio a sua viagem, encontra Alabanda, jovem guerreiro e objeto de desejo masculino da vez, mantendo a tradição iniciada por Winckelmann.

Assim como no idílico mundo grego, religião, arte, ciência e amor convivem e se interpenetram naturalmente, Hipérion e Alabanda se encontram “como dois riachos que correm montanha abaixo, arrastando a carga composta de terra, pedra, madeira podre e todo o caos inerte que os retém, a fim de abrir caminho em direção ao outro” (Hölderlin, 2003, p. 30). As comparações apresentadas pelo narrador dão pouca margem interpretativa a não ser a de que o “amor grego” fluía como o instinto natural manda: “(...) o saboreio como uma maçã silvestre, então me esprema até eu ficar bebível” (Hölderlin, 2003, p. 35). Ao relembrar dos momentos que passou ao lado do amado, o protagonista sentencia: “foram os nossos dias de núpcias”. E, ao descrever o rompimento, afirma que destruíram com violência o “jardim de nosso amor”.

Algo quase impossível de se comprovar é a sexualidade de escritores já mortos, mas não se pode negar que Hölderlin, o homem, teve uma existência *queer*, esquisita, oblíqua, que Agamben (2022) chama de “vida habitante”. De 1806 até sua morte, em 1843, viveu num quarto em uma torre em Tübingen, hoje parte do estado alemão de Baden-Wurtemberg. Problemas financeiros, aliados a supostas doenças mentais, fizeram com que permanecesse recluso. A vida do autor, então, seria percebida como uma “figura”, “algo que alude a um significado real, mas velado” (Agamben, 2022, p. 17).

5 EROS

Longe da efervescência de Jena e Berlim, o chapeleiro Heinrich Hössli (1784-1864) publicou – a despeito de todo o conservadorismo protestante local –, entre 1836 e 1838, aquela que pode ser considerada a primeira obra literária abertamente gay do *sprachraum* alemão. Morador do pequeno cantão suíço de Glarus, o artesão conseguiu editar em dois volumes uma espécie de apologética do “amor grego” no livro *Eros. Die Männerliebe der Griechen, ihre Beziehungen zur Geschichte, Erziehung, Literatur und Gesetzgebung aller Zeiten* (em tradução livre: Eros. O amor entre homens dos gregos, suas relações com a história, a educação, a literatura e as legislações de todos os tempos).

A pressão para que o segundo volume não fosse publicado foi tamanha que a cidade da editora foi impressa como “Münster na Suíça”, lugar inexistente na Confederação Helvética. Apesar de não haver registros de que Hössli fosse ele próprio homossexual, cartas dão conta de que um de seus filhos, emigrado para Nova York, mantinha um relacionamento com outro homem. A principal razão para a escolha do tema, no entanto, teria sido a história da execução de François Desgouttes – no ano de 1817 –, gay acusado de matar seu amante. O fato despertou o interesse pela causa no aspirante a escritor.

Outro motivo que impulsionou a escrita do chapeleiro suíço foi, muito provavelmente, a difusão das ideias românticas pelo espaço germanófono (Tobin, 2005, p. 7). Não à toa elege o deus grego do amor para dar título ao seu manifesto e usa esse efeito de distanciamento geográfico e temporal como recurso literário para atingir seu objetivo: provar que o homoerotismo não era nenhuma novidade e que outros povos cultos já o desfrutavam sem culpa. Além do diacronismo, a narrativa não-ficcional de Hössli lança mão de ideias advindas de cientistas do período do Romantismo, como as do médico J.H. Schmid: “a sexualidade não deriva exclusivamente dos órgãos sexuais, mas sim de todo o organismo” (Hössli, 1836, p. 302).

A ousadia do narrador chega a ser clarividente. Em um trecho do livro, a perseguição aos gays é comparada com os pogroms contra os judeus, justamente os dois grupos sociais que seriam os principais perseguidos pelo regime nazista um século mais tarde. Textos de Hössli foram lidos pelo pioneiro da saída do armário em territórios falantes do alemão: Karl-Heinrich Ulrichs (1825-1895), criador do termo “uranista” (1864), que logo foi substituído pelo até hoje utilizado “homossexual” (1868).

Segundo o biógrafo de Hössli, Ferdinand Karsch (1853-1936), *Eros* foi a obra mais significativa sobre o amor gay depois de *O Banquete* e *Fedro* de Platão (428-348 a.EC).

6 CONFLUÊNCIAS ROMÂNTICAS NO MOVIMENTO GAY

Indícios de que o Romantismo de Jena contribuiu para o surgimento de uma identidade gay levam ao diálogo com a teoria de Jack Halberstam acerca do “fracasso queer”. O termo define o olhar menos historicista e heterocêntrico em relação a

sexualidades dissidentes, que deixam de acompanhar o cortejo triunfal dos vencedores (Benjamin, 1986, p. 225) para trazer à luz aqueles párias e fracassados segundo o conceito heteronormativo.

Para Halberstam, o fracasso seria uma maneira de se recusar a aquiescer a lógicas dominantes de poder e disciplina (2020, p. 133). O senso comum hétero, afirma o teórico transgênero e judeu norte-americano, conduz à ideia de sucesso a partir de acúmulo de capital, família, conduta ética e esperança. Fatores obviamente negados aos adeptos do “amor grego” nos séculos XVIII e XIX.

É bem verdade que os primeiros românticos, seus contemporâneos e sucessores – como Heinrich Hössli – haviam entrado em contato com a herança clássica do homoerotismo grego, entre outros produtos da arte mediterrânea, em um período crítico no qual monarquias absolutistas davam lugar a um conservadorismo burguês. Movimentos posteriores ao Romantismo – a exemplo do Biedermeier e do Realismo poético – procuraram fugir de temáticas sexuais: o lar alemão e os campos austríacos e suíços ocuparam o lugar das míticas ilhas gregas.

Quando surge nos textos realistas, a Grécia já aparece domesticada pelo patriarca burguês em sua sala atapetada. De maneira um tanto irônica, o escritor Gottfried Keller (1819- 1890) descreve a estátua Vênus de Milo em poema de mesmo título: “Como outrora a italiana/ Está você, coitadinha, na moda/ Feita em gesso, de porcelana/ Em mesas de sala se acomoda” (Sens, 2019, p. 22740). No *sprachraum* alemão, sobretudo após as malfadadas revoluções de 1848, o cidadão volta-se ao espaço doméstico e cultiva a família tradicional protestante. Mesmo a Suíça republicana de Keller adere à tendência reacionária.

Nesta era de repressão, foi preciso cruzar o Reno para encontrar no marginal (*queer?*) Charles Baudelaire (1821-1867) um novo *crossover* literário, desta vez entre Atenas e Paris. Um ano após a morte do poeta francês, surgiria nas ruas de Berlim o termo homossexual, representação linguística de uma prática natural para os gregos, resgatada pelos românticos e cientificizada pelos médicos da segunda metade do novecentos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **A loucura de Hölderlin**: crônica de uma vida habitante 1806-1843. Tradução de: Wander Melo Miranda. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (Obras escolhidas). Tradução de: Sergio Paulo Rouanet. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Tradução de: Bhuvli Libanio. Recife: Cepe, 2020.

HÖLDERLIN, Friedrich. **Hipérion**: ou o eremita na Grécia. Tradução de: Erlon José Pascoal. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

HÖSSL, Heinrich. **Eros. Die Männerliebe der Griechen, ihre Beziehungen zur Geschichte, Literatur und Gesetzgebung aller Zeiten.** Oder, Forschungen über platonische Liebe. Glarus: Schweiz, 1836.

KARSCH, Ferdinand. **Karl Heinrich Ulrich's predecessor Heinrich Hössli (1784-1864):** the first known literary activist and parent of a gay man. Tradução de: Michael Lombardi- Nash. Jacksonville: Urania Manuscripts, 2022.

KRAFFT-EBING, Richard von. **Psicopatia sexual com pesquisas especiais em inversão.** Tradução de: Jacques Gemmes. Pará de Minas: Virtualbooks, 2021.

NAPHY, William. **Born to be gay:** história da homossexualidade. Tradução de: Jaime Araújo. Lisboa: Edições 70, 2006.

SCHLEGEL, Friedrich. **Lucinde.** Tradução de: Constantino Luz de Medeiros. São Paulo: Iluminuras, 2019.

SENS, Rafael Vieira. (Im)Potência e latência na poesia de Gottfried Keller. **Brazilian Journal Of Development**, [S.l.], v. 5, n. 11, p. 22730-22743, 2019. Brazilian Journal of Development.

TOBIN, Robert D.. The emancipation of the flesh: the legacy of Romanticism in the homosexual rights movement. **Romanticism On The Net**, n. 36-37, 27 jul. 2005. Disponível em: <http://erudit.org/en/journals/ron/2004-n36-37-ron947/011143ar/>. Acesso em: 13 fev. 2025.

VON KLEIST, Heinrich. Heinrich von Kleist para o sr. Ernst von Pfuël, ex-tenente do regimento de sua majestade o rei, o bem nascido em Potsdam. Tradução de: Jefferson Michels. In: DROZDOWSKA-BROERING, Izabela Maria; BLUME, Rosvitha Friesen (org.). **Cartas de amor do Romantismo alemão.** Florianópolis: UFSC, 2021. Cap. 8. p. 30-35.

ZANOTTI, Paolo. **Gay:** La indentidad homosexual de Platón a Marlene Dietrich. Tradução de: Nuria Martínez Deaño. Cidade do México: Fce, Turner, 2010.

Recebido em: 24/07/2025
Aceito em: 30/09/2025